

Estigma e vergonha associados à obesidade afastaram pessoas de rastreio nacional

written by O Cidadão | 3 de Julho, 2025



O estigma social associado à obesidade e a vergonha de ser julgado comprometeram a adesão à ação de rastreio que percorreu o país durante duas semanas e avaliou cerca de 300 pessoas, anunciou hoje um dos promotores da iniciativa.

O rastreio à obesidade, com o mote **“O Corpo Pode Resistir à Perda de Peso”**, decorreu entre 23 de maio e 29 de junho e marcou presença em Vila Nova de Gaia, Braga, Coimbra, Aveiro, Leiria, Castelo Branco, Évora, Faro, Almada e Lisboa, com o objetivo de alertar para os perigos da obesidade e sensibilizar as pessoas afetadas para procurarem ajuda médica.

Num balanço feito à agência Lusa, o presidente da Sociedade

Portuguesa para o Estudo da Obesidade (SPEO), José Silva Nunes, disse que foram realizados cerca de 300 rastreios, maioritariamente mulheres, entre os 40 e os 55 anos, conforme o esperado.

O endocrinologista explicou que a obesidade é desvalorizada pela sociedade em geral, mas sobretudo pelos homens, “que não veem tanto como uma doença como acontece com as mulheres”, o que explica a maior adesão feminina.

Quanto às idades, disse que é entre os 40 e os 55 anos que a obesidade frequentemente já está associada a várias comorbilidades e em que há uma mudança na forma como a doença é encarada.

Segundo José Silva Nunes, o que **“ficou um bocadinho aquém do que seria esperado”** foi o número de pessoas rastreadas: **“Idealmente, deveria ser superior, mas isto também traduz o enviesamento que se verifica na nossa sociedade à forma como a obesidade é encarada”**.

“Na sociedade em geral, ou em grande parte da nossa sociedade, a obesidade não é vista como uma doença, é mais como um problema de erros no estilo de vida, sobretudo ligados a uma alimentação inapropriada. E, portanto, as pessoas também sentem algum estigma e alguma discriminação”, lamentou.

Mesmo sendo portadores da doença, as pessoas **“têm uma certa vergonha de irem para um programa de rastreio à obesidade onde podem pensar que são julgadas e culpabilizados pela doença que apresentam quando o objetivo da iniciativa não é esse”**.

O objetivo **“é mesmo chamar a atenção de que a obesidade é uma doença neurobiológica geneticamente determinada e não é culpa da pessoa”**, afirmou, vincando que **“não é a pessoa que escolhe ter esta doença”**, nem é uma questão de **“falta de força de vontade”**.

O calor que se fez sentir nos últimos dias da iniciativa

também inibiu as pessoas de fazerem o rastreio e, por isso, os promotores apelam a quem não teve oportunidade de o fazer, a consultar o médico.

“Se a pessoa não pedir ajuda, muitas vezes também não é tratada”, alertou Silva Nunes, observando que o médico de família pode ajudar quando está consciente desta problemática, o que nem sempre acontece.

Apesar de Portugal ter sido um país pioneiro em reconhecer da obesidade como doença, em 2004, **“infelizmente, ainda há uma percentagem significativa dos profissionais de saúde (...) que não veem a obesidade como uma doença e promovem discriminação face aos portadores e os culpabilizam por ter a doença, associando-a a erros alimentares, a erros de sedentarismo, portanto, baixa atividade física”**.

Segundo o especialista, a obesidade e a pré-obesidade afetam cerca de dois terços da população portuguesa, o que disse ser “extremamente alarmante”.

“Felizmente há tratamento, quer em termos de intervenção no estilo de vida, acoplado a intervenção psicológica, intervenção farmacológica e, para os casos elegíveis, tratamento cirúrgico, mas há solução”, realçou.

Realizado por 14 endocrinologistas e 14 enfermeiros, o rastreio foi promovido pela Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo (SPEDM), pela SPEO, pela Sociedade Portuguesa de Cirurgia da Obesidade e Doenças Metabólicas, pela Associação de Doentes Obesos e Ex-obesos de Portugal (Adexo) e uma empresa de produtos farmacêuticos.

OC/RPC/HN//ZO/LUSA